

IDENTIDADE CULTURAL E GLOBALIZAÇÃO: CONTRADIÇÕES APARENTES EM UM MUNDO MULTICULTURAL E CONVENIENTEMENTE INCLUSIVO

Roque João Tumolo Neto

Resumo: Este ensaio propõe-se a refletir sobre a existência de uma contradição meramente aparente entre a afirmação das identidades culturais e o processo intenso de globalização ora em curso, contradição essa justificada pelo fato de que se por um lado a globalização coloca em movimento, em decorrência da lógica que embasa suas dinâmicas, um irrefreável processo de homogeneização cultural; por outro, seu adensamento promove, ao contrário, um movimento de valorização das diferenças. Quanto ao entendimento que aqui se tem do termo globalização, pode-se dizer que no contexto da contemporaneidade seu radical “global” não significa o que é necessariamente maior, distante ou mais forte, como em momentos históricos pretéritos, mas sim o que possui permeabilidade ao novo e refuta marcos referenciais estreitos de localismos e soberania. A globalização representa a interpenetração e a interconexão, marcadas pela supremacia do capital e do mercado. O estudo conclui que o processo de globalização em curso leva à afirmação de identidades, apesar das dinâmicas de desterritorialização e desinstitucionalização que engendra, podendo este resultado ser atribuído tanto às lideranças microsociais como ao interesse mercadológico que a condição de ser diferente estabelece. Fundamentam teoricamente esse texto o pensamento do sociólogo Stuart Hall e o do antropólogo e etnólogo Michel Agier.

Palavras chaves: Diferenças; Globalização; Identidades culturais; Lideranças; Mercado.

Abstract: *This essay deals with the existence of a false contradiction between the reinforcement of cultural identities and the intense process of globalisation nowadays, justified by the fact that if on the one hand this process puts in motion, due to the inner logic of its dynamics, a non-stop process of cultural standardisation, on the other hand its intensification stresses cultural differences. As to the globalisation itself, it shall be said that in the contemporary context its radical “global” does not express necessarily what is bigger, distant or more powerful as it used to do in the past, but what is open to novelties, refusing old local landmarks and the notion of sovereignty. Globalisation represents the exchange and interconnection that takes place under the hegemony of market and capital. The study came to a conclusion that the process of globalisation reinforces cultural identities, despite its inner dynamics of desterritorialisation and desinstitutionalisation, and that this outcome may be attributed to microsocial leaderships and the market itself in its own interests. Theoretically this work lays on the thinking of the sociologist Stuart Hall and the anthropologist and ethnologist Michel Agier.*

Keywords: *Cultural Identities, Differences; Globalisation; Leaderships; Market.*

Introdução

Este ensaio propõe-se a refletir sobre dois dentre muitos aspectos contidos na temática da eclosão recente do multiculturalismo, quais sejam: 1) a aparente contradição entre a afirmação das identidades culturais e a exponenciação global das práticas produtivas, comerciais e financeiras contidas no processo de globalização ora em curso e dos efeitos delas decorrentes; e 2) a conveniência da inserção de demandas sociais de inclusão pelos sujeitos multiculturais na pauta da nova agenda global para o desenvolvimento¹, marco legal de um mundo globalizado. Fundamentam teoricamente esse texto os escritos do sociólogo Stuart Hall (2006) e do antropólogo e etnólogo Michel Agier (2001).

A expressão identidade cultural recentemente tornou-se popular, sendo reivindicada por uns como problema e por outros como solução à superação, pela via da valorização do multiculturalismo, de situações de exclusão de grupos sociais verificadas na contemporaneidade. Envoltas que estão as identidades culturais em um intenso processo de globalização a confrontá-las em seus terrenos próprios, deixam sub judice a continuidade do mundo plural tal qual nos habituamos a concebê-lo, separado em fronteiras políticas e culturais.

Contudo, apesar desse ambiente de crescente globalização econômica mundial e da provável homogeneização cultural que dela pode advir, uma torrente de identidades culturais não cessa de despontar ou reafirmar-se em todos os lugares, apresentando novas demandas sociais e promovendo rearticulações políticas, no intuito de justificar e instrumentalizar processos de inclusão em sociedades cada vez mais afeitas ao multiculturalismo.

Essa é a aparente contradição sobre a qual se pretende aqui brevemente discorrer. Se por um lado a globalização dá indícios de um processo de homogeneização cultural em curso, por outro seu adensamento parece indicar o estabelecimento de um movimento inverso de valorização das diferenças. Para tratar dessa contradição, que tentaremos mostrar ser aparente, paralelamente às análises que se seguirão necessário se fez minimamente explicitar o entendimento que aqui se tem de cada um dos três termos com os quais iremos diretamente lidar: identidade, globalização e multiculturalismo.

Particularmente quanto à identidade, a partir do entendimento de Agier (2001), esta não existe por si só, devendo, portanto, ser desessencializada e compreendida mais como uma busca, um processo identitário do que como um fato, uma expressão. Nesse sentido, toda identidade, seja individual seja coletiva, deve ser entendida como múltipla, inacabada, instável, permeável e, porque não dizer, fugaz.

Agier (2001) dirá que essa fugacidade característica das identidades deve-se ao fato que o ponto de apoio para realizarmos sua apreensão é um ponto de apoio por demais instável, sobre o qual não temos qualquer possibilidade de equilíbrio. Isso porque apesar de

¹ A nova agenda global pós 2015, em grande medida referenciada nos Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS) como novo marco global para o desenvolvimento, pretende orientar tanto as políticas econômicas como as sociais, particularmente daqueles países classificados como em desenvolvimento ou de baixa renda e que dependem, sobremaneira, da cooperação internacional e dos financiamentos geridos pelas Instituições Financeiras Internacionais.

pensarmos sobre a identidade como algo intrínseco, natural e sob nossa governança, na verdade temos sobre ela quase nenhum domínio, posto não ser essência, mas reflexo.

O fato é que “somos sempre [individual ou coletivamente] o outro de alguém, o outro de um outro” (Agier, 2001 p.9) e, por isso, sempre pensamos a nós próprios a partir de um olhar externo, ou vários olhares externos, para saber quem somos, sem nunca chegarmos de fato a sabê-lo. Assim, não pode haver definição de identidade em si mesma por não se tratar propriamente de um objeto, mas de uma construção em contínuo fazer, um processo, e como tal não pode existir fora de um contexto e em relação a outro objeto (Agier, 2001; Hall, 2006).

Como identidade e cultura trabalham sempre em par, o entendimento de identidade tal como colocado nos encaminha diretamente à necessidade de estabelecermos um entendimento de cultura que possa contemplá-lo neste formato construtivista. Partindo do princípio que identidade e cultura são relacionais (Agier, 2001), sem serem causa ou consequência uma da outra (Hall, 2006), uma questão então se coloca antes mesmo que possamos desdobrar o termo identidade na expressão qualificada identidade cultural, qual seja a de saber como nasce uma cultura e como esta se perpetua durante determinado tempo, já que é expressão relacional de identidades fugidias que tendem a perder suas referências.

Ademais, é preciso também salientar que apesar de normalmente utilizarmos sem rigor os termos identidade cultural e cultura identitária, alternando indistintamente um termo pelo outro, devemos ao menos explicitar que, a rigor, na perspectiva de Agier, o termo identidade cultural é a expressão essencializada de um momento, devendo-se falar de cultura identitária quando estivermos a tratar de uma identidade construída, ou melhor, reinventada.

Depreende-se do texto de Agier (2001) que uma das respostas para a questão de se saber como nasce uma cultura e como esta se perpetua durante determinado tempo pode estar nas ações de lideranças, geradas nas escalas microsociais, por meio das quais uma miríade de pequenas narrativas identitárias são estrategicamente capturadas e valorizadas, ocupando o vazio deixado por outras narrativas mais amplas e consolidadas que deixaram de servir como referências.

Além disso, na perspectiva desse autor, normalmente essas pequenas novas narrativas, muitas de conteúdo religioso, étnico ou regional, apresentam-se na forma de construções híbridas, “bricoladas” ou mesmo heterogêneas, que surtirão efeito prático desde que sejam relativamente aceitas pela comunidade, reforçando em seus membros a sensação de pertencimento a algo que os transcendam.

Nesse sentido, pertencer a uma cultura significa ter identidade frente ao outro e compartilhar com aqueles pertencentes a mesma cultura certos elementos identitários comuns. Tal compartilhamento fará com que se estabeleça um grau de igualdade tal que permita a cada indivíduo ser, ao mesmo tempo, apesar das diferenças existentes entre os membros de determinada comunidade, livre e igual, já que o que torna os homens iguais em uma cultura subjaz à própria consciência de identidade (Fróis, 2004).

O posicionamento de Hall (2006) expressa esse mesmo entendimento, para quem a identidade qualificada como cultural refere-se à cultura compartilhada, que proporciona sentido de pertencimento. Hall, contudo, vai além e alarga esse entendimento ao realçar que esse sentido é adensado pela experiência individual, que lhe agrega valores e referências,

podendo, no processo, tornar-se mecanismo de adaptação, transformação ou mesmo mudança.

Quanto à explicitação do entendimento que aqui se tem do termo globalização, pode-se dizer que nesse contexto seu radical global não significa o que é necessariamente maior, distante ou mais forte. Global, isto sim, expressa a permeabilidade ao novo, distanciando-se de marcos referenciais estreitos de localismos e mesmo de soberania. A globalização representa, assim, ao mesmo tempo, interpenetração e interconexão, marcadas pela supremacia do capital e do mercado, entre regiões, estados nacionais e comunidades (Burity, 2001).

Contemporaneamente, esse processo passou a abarcar praticamente todo o planeta, levando com ele o estabelecimento do primado da cultura ocidental, com suas raízes de matriz colonialista e imperialista implantadas a partir do século XVI e difundidas até o início do século XX. Esse processo de difusão lastreou-se na modernidade europeia, sendo potencializado no pós Segunda Guerra e na derrocada da URSS como ícone do socialismo, pela difusão do padrão moderno de organização social e política norte-americano, recaracterizando sob essa lógica as dinâmicas dos estados nacionais face à economia mundial.

Dessa forma, não seria descabido supor que o acirramento desse processo de globalização pudesse levar o mundo a uma homogeneização cultural pelo esmaecimento das identidades. Contudo, apesar dessa possibilidade, esse cenário não tem se materializado, verificando-se que o contato econômico entre povos de diferentes culturas no âmbito deste processo manifesta-se em uma contínua hibridização cultural de origem fragmentar, gerando novas singularidade as quais demandam novos espaços para as diferenças.

Assim, paradoxalmente, se nas instâncias econômicas a globalização significa o retraimento do particular sobre o geral, nas instâncias culturais o processo vem encontrando a necessária resistência à perda das identidades e à anulação de culturas.

O discurso multiculturalista, neste sentido, tanto beneficia-se como impulsiona a globalização, pois, ao mesmo tempo em que a globalização interconecta e interpenetra regiões, estados nacionais e comunidades locais, marcada pela hegemonia do capital e do mercado, paradoxalmente ela também se faz acompanhar por uma potencialização da demanda por espaços para o exercício da diferença e valorização do localismo (Burity, 2001).

Além disso, se multiculturalismo expressa a existência de muitas culturas em um mesmo espaço², falar de multiculturalismo é falar do manejo da diferença em defesa da diversidade, caracterizada pela marca do conflito que, ao não encontrar ressonância que o supere, engendra movimentos próprios de superação pela via da reconstrução ou invenção de identidades coletivas e redefinições de padrões societários (Agier, 2001; Hall, 2006).

Aqui, contudo, entram em disputa teórica duas posições: há aqueles que veem como positivo esse remodelamento identitário e sua valorização na forma de políticas multiculturais e há aqueles outros, afeitos à perspectiva marxista, que criticam muito essas políticas (Hale, 1997, 2006, 2011; Harvey, 1992; Jameson, 1996), afirmando que se tais políticas fossem por natureza democraticamente inclusivas, como haveriam sempre de ser, não precisariam ser reafirmadas por qualquer mecanismo de inclusão ou de valorização da diferença, cabendo

² Espaço entendido na acepção da Geografia Crítica, como sendo fruto de interações sociais (Santos, 1979)

ressaltar que, particularmente na América Latina, sua disseminação tem prestado um desserviço ao movimento social ao fragmentar-lhe as bases em interesses diversos.

De qualquer modo e posições teóricas à parte, a globalização parece desencadear uma lógica que não exige o fim das referências locais, reescrevendo-as de forma a não mais se definirem pelo isolamento e territorialidade. Nesse sentido, globalização e mundialização distinguem-se, sendo a segunda expressão de preocupações que toma como verdadeiro que o processo traz como principal consequência a homogeneização da cultura, atendo-se a primeira à perspectiva meramente econômica do processo, que, ao seu modo, tanto forma como deforma, tanto exige como resiste à identidade enquanto signo do local, do singular, do autêntico e do emancipatório.

Agier (2001), não considera a possibilidade de se discutir a questão da relação identidade-cultura sem tocar na diferenciação existente entre os termos globalização e mundialização, para não incorrer na perda de parâmetros analíticos ao se usar indistintamente um termo pelo outro, pois isso significaria desconsiderar as premissas que diferentemente o orientam. Neste sentido, se na lógica da mundialização a cultura está sujeita a sofrer processo de pasteurização, na lógica da globalização ao opor o micro ao micro, o micro ao macro, o macro ao mega e vice-versa, consegue fazê-lo sem ser, contudo, homogenizante (Agier, 2001; Hall, 2006).

Não que haja consenso sobre isso, havendo aqueles para quem essa terminologia é indiferente pois, independentemente do termo usado, ela não expressa o problema em suas feições reais. Giddens (1991, 1997, 2003), por exemplo, não se furtará em dizer que vivemos em um mundo de identidades pasteurizadas e que assim é desde o estabelecimento do estado-nação, quando as identidades particularizadas foram anuladas pelas identidades nacionais. Nesse sentido, não há para Giddens a pós-modernidade, mas sim a modernidade tardia, desdobramento daquele processo pasteurizador inicial.

Isto posto apenas para que não se fique com uma única visão da questão, entendemos que a contradição entre o processo de globalização e as demandas por legitimação ou manutenção das diferenças culturais, verificadas em todo o mundo demonstram que tal contradição é meramente aparente e está submersa em uma outra lógica, até certo ponto deslocada em um mundo onde, apesar da sobrevivência de estados modernos, de acordo com o conceito de moderno como mundo regido por meta-narrativas (Lyotard, 1998) e pelo ideal racionalista-positivista (Habermas, 1998, 2002a, 2002b), a diferença se impõe.

Natural seria supor que o processo de globalização não levasse à afirmação de identidades, mas sim ao seu enfraquecimento, afinal a globalização pressupõe a idéia de desterritorialização e desinstitucionalização. Como e porque isso ocorre pode ser atribuído tanto às lideranças microssociais já mencionadas, como também a interesses de conveniência sistêmicos. Nesse segundo ponto as diferentes identidades são toleradas e até estimuladas em grande parte devido ao interesse mercadológico que a condição de ser diferente estabelece, contando ver o outro como cliente, consumidor e usuário de serviços (Hall, 2006).

A globalização como fator multiplicador de culturas identitárias, para usar a terminologia de Agier, assim o é pois introduz-se como um elemento novo na relação entre o local e o nacional, o local e o regional, o regional e o nacional que interrompe o fluxo linear de relações e

comunicação onde estas polaridades se desenvolviam, reguladas pela unidade do estado-nação e pela repartição territorial das trocas econômicas, políticas e culturais.

Desta forma, este novo elemento que tem a capacidade de revisar as políticas domésticas, matizando-as com a introdução de valores e parâmetros de gestão pública em voga no âmbito da sociedade civil global, tais como as políticas de gênero, ambientais, multiculturais e humanitárias, se traduz em vetor matricial de diferenças (Burity, 2001).

A afirmação, defesa ou contestação de identidades são um componente integral da lógica da globalização contemporânea, pois a fragmentação do sujeito desencadeia inúmeras tentativas de recomposição que se tornam interessantes à progressão e adensamento do próprio processo globalizante quando as identidades reagem a esta fragmentação em uma tentativa de resincronização espaço-temporal aos efeitos desestruturantes da globalização, buscando em raízes do passado ou na idealização do presente uma forma de neutralizar os seus efeitos desestruturantes, gerando novos ambientes favoráveis de negócios (Hall, 2006).

A globalização pode permitir a emergência de novas formas de identificação coletiva que se definem no contexto da cultura de consumo, pela idéia globalizada de livre escolha e livre experimentação com a produção de novos bens e estilos de vida, estimulados pela diferenciação. O global, portanto, se alimenta da diferenciação, na medida que uma singularidade pode gerar ganhos em termos de reconhecimento, competitividade e lucro. Há que se ressaltar, entretanto, que tanto essa relação identidade-globalização favorece o adensamento do primeiro termo do binômio como também permite que essas novas identidades geradas, ainda que híbridas ou “bricoladas” como diz Agier (2001), resgatem o sujeito individual, iluminista nas palavras de Hall, que está perdido e fragmentado em meio ao processo da globalização.

Este sujeito, fragmentado e sem referências vê nesse processo uma oportunidade de novamente referenciar-se, buscando ser novamente, de alguma forma, o que fora um dia em outro momento histórico.

Considerações Finais

Inequivocamente vivemos um momento histórico fluído, líquido na expressão consagrada de Bauman (2003), envolto em crises de paradigmas³, nas quais evidenciam-se as mudanças que a sociedade moderna atravessa e que se ancoram na subversão das certezas vivenciadas e que arrastam para sua esfera de gravidade desfragmentadora as relações de trabalho, a noção de família e a vida em comunidade, onde o tempo e o espaço deixam de ser concretos e absolutos para serem líquidos e relativos.

Neste mundo pós moderno, na expressão de uns, ou de modernidade tardia, na de outros, em franco adensamento do processo de globalização, vivencia-se, paradoxalmente, o alargamento do local e a compressão do global, um mundo “glocal”, no qual o mesmo movimento de globalização econômica, nunca antes experimentado em escala planetária, que faz implodir as identidades e diluir as certezas, é o mesmo que cria um infundável rol de

³ Em *As Estruturas das Revoluções Científicas*, Kuhn definiu paradigma como sendo um “conjunto de crenças, valores e técnicas comuns a um grupo que pratica um mesmo tipo de conhecimento”, uma espécie de macroteoria, marco ou perspectiva (D’Assumpção Barros, 2011).

oportunidades, desejos e realizações, expressos em culturas identitárias que se reconformam no jogo dinâmico das identidades.

Referências

- AGIER, Michel. Distúrbios identitários em tempos de globalização. In *Mana* [on line], 2001, n. 2, pp. 7-33.
- BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.
- BURITY, Joanildo A. Globalização e identidade – desafios do multiculturalismo. In: *As ciências Sociais – desafios do milênio*. Natal: EDUFRRN/PPGCS, 2001.
- D'ASSUMPTÃO BARROS, J. Escola Histórica, paradigma, matriz disciplinar – Três conceitos para a Teoria da História. *Oficina do Historiador*, Porto Alegre, EDIPUCRS, v.3, Nº 2, agosto. 2011
- FRÓIS, Katja Plotz. Globalização e Identidade: A identidade no mundo de iguais. In *Cadernos de Pesquisa Interdisciplinar em Ciências Humanas*. N. 62, 2004.
- HABERMAS, Jürgen. *Identidades nacionais y postnacionales*. Madrid: Tecnos, 1998.
- _____. *Discurso filosófico da modernidade*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- _____. *A crise de legitimação do capitalismo tardio*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2002.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2006
- Hale, Charles R. Cultural Politics of Identity in Latin America. In *Annual Review of Anthropology* 26 (1997).
- _____. Comment on Arturo Escobar's Latin America at a Crossroads: Alternative Modernizations, Post-Liberalism, or Post-Development?'. In *Cultural Studies* 25.3 (2011).
- HARVEY, David. *A condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*. São Paulo: Edições: Loyola, 1992.
- JAMESON, Fredric. *Pós-modernismo: a lógica cultural do capitalismo tardio*. São Paulo: Ática, 1996.
- GIDDENS, Anthony. *As consequências da modernidade*. São Paulo: Ed. UNESP, 1991.
- GIDDENS, Anthony, BECK, Ulrich, LASH, Scott. *Modernização reflexiva*. São Paulo: Editora UNESP, 1997
- LYOTARD, Jean-François. *A condição pós-moderna*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1998.
- SANTOS, Milton. *Espaço e sociedade*. Petrópolis: Vozes, 1979.